



APRESENTAÇÃO

No dia 10 de dezembro de 1948, nações de todo o mundo, reunidas em assembleia, deram um passo de incomensurável importância na história: a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Pela primeira vez, países de todo o mundo acordaram uma proteção mínima que deveria ser garantida a todas as pessoas, independentemente do seu gênero, raça, religião, nacionalidade ou grupo social. Essa é uma conquista admirável, que parecia extremamente improvável, em um contexto em que o mundo dividia-se em dois blocos antagônicos, cujas visões de mundo e projetos para a sociedade e para o ser humano disputavam entre si pela hegemonia – e apesar de todas as suas discordâncias, entraram em consenso em relação a uma coisa: a ideia de que, como diz o artigo 1º, todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.

Essa foi a pedra fundamental sobre a qual se ergueu um sistema internacional de direitos humanos progressivamente especializado e institucionalizado, que, hoje, conta com 9 tratados internacionais de direitos humanos e dezenas de procedimentos especiais, um órgão político de alto nível em que países membros das Nações Unidas fomentam o debate público global sobre os direitos humanos e uma entidade das Nações Unidas especialmente devotada à proteção dos direitos humanos de todos e todas, ao empoderamento das pessoas para que gozem de seus direitos e à assistência àqueles responsáveis pela garantia desses direitos para que sejam implementados e observados integralmente, em todas as partes do mundo.

Muito mudou setenta anos após a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Assembleia Geral das Nações Unidas. A própria Declaração é parte dessa história, indissociável do modo como, hoje, pensamos e compreendemos nosso estar-no-mundo globalmente. Às vezes pode até parecer que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é algo dado – obliterando o extraordinário trabalho das mulheres e dos homens que se dedicaram à negociação



NIKY FABIANCIC & BIRGIT GERSTENBERG

de uma agenda mínima de dignidade e direitos e os grandes esforços mundiais feitos desde então para garantir as suas promessas.

Todos os anos e em todas as partes do mundo, milhares de defensoras e defensores de direitos humanos sofrem ameaças, agressões ou tornam-se vítimas fatais da violência simplesmente pelo fato de acreditarem na igualdade de direitos de todas e todos e recusarem-se a calar sua voz quando outrem – seja outra pessoa, uma organização qualquer ou até mesmo o próprio Estado – pretendem dizer o contrário. As defensoras e os defensores de direitos humanos nos lembram que nada está garantido. Seu compromisso merece nosso respeito e reconhecimento. Salvar os direitos humanos para a nossa e as futuras gerações depende do engajamento ativo de todas e todos.

Esperamos que a ocasião do septuagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos seja uma oportunidade para que todas e todos familiarizem-se com o seu conteúdo, engajem-se na proteção e promoção dos direitos humanos e, ao lado das Nações Unidas, possam sopesar os desafios e as oportunidades que cercam o direito internacional dos direitos humanos nos próximos setenta anos.

Niky Fabiancic

Coordenador Residente da ONU Brasil

Birgit Gerstenberg

Representante Regional do ACNUDH